

Orquidário io



Primavera

Volume 12, nº 3
julho a setembro de 1998

OrquidaRIO, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

Diretoria - Biênio 1997/98:

Presidente: Carlos A.A. de Gouveia.

Vice-Presidente: Paulo Dámaso Peres.

Diretor da Área Técnica: Raul Sudré Filho.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Carlos Ivan da Silva Siqueira.

Diretor da Área Administrativo Financeira: José Lousada.

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Antônio Clarindo Rodrigues. Biblioteca: Maria Stella N. Borges.

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani. Eventos: Flávio Alvim Leite. Relações Comunitárias;

Marta Guglielmi. Sócios: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto. Tesouraria e Finanças: Rudolf

Zimmermann. Patrimônio: Evandro Silva.

Secretária da Diretoria: Nilce Carlos.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2. Alvaro Pessôa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

4. Hans O. J. Frank, 1994/1996.

Conselho Deliberativo, 1997/98:

Presidente:

Membros: Alvaro Pessôa, Hans O. J. Frank, Hans Kunning, João Paulo de Souza Fontes e Raimundo A. E. Mesquita.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo Martins Carvalho, Mário Karpinskas, Raimundo A. E. Mesquita e Waldemar Scheliga.

Editor: Carlos Ivan da Silva Siqueira

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 6.5/+ , Word 7.0/+ e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o Editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de OrquidaRIO e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (c) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifiquem os autores.

Toda a correspondência de-ve ser dirigida à OrquidaRIO, Rua Visc. de Inhaúma 134/427, 20.091-000, Rio de Janeiro, RJ.

Telefone e fax: (021) 233-2314

Preços/Rates			
	1 ano/1 year	2 anos/2 year	3 anos/3 year
Filiação e contribuição anual	R\$40	R\$78	R\$110
Overseas subscription rates	US\$40	US\$78	US\$110
Via aérea acrescentar R\$20,00/ano - By Air Mail add US\$20 per year			

Orquidário



Revista Oficial da OrquidaRIO
Volume 12 , nº3, julho a setembro de 1998.
ISSN0103-6750

Índice

<u>Textos</u>	<u>Página</u>
Editorial	66
Contribuição ao estudo das Encyclias brasileiras. Vitorino P. Castro	67
Sobre o Controle de Pragas e Doenças nas Orquídeas - II. Aaron J. Hicks	72
Amândio, uma lição. Entrevista concedida a Raimundo Mesquita.	76
Concurso de Fotografia. Carlos Ivan da Silva Siqueira	82
<i>Catasetum</i> . Flores femininas. Por Altamir Soares	86
Requiem para Helena Eyer.	87

<u>Seções</u>	
Sementeira dos Sócios	88
Livros, Revistas e Publicações	90

Créditos das Ilustrações

Capa: *Cattleya kerrii*, Raimundo Mesquita; *C. Corcovado*, Jayme Acioli; *C. intermedia* e *loddigesii*, J.P. de Souza Fontes; pag. 66, Roberto Agnes. 72, R. Mesquita; 76/79, não identificado; 83, Sérgio Alevato Filho; 84, Sérgio O. M. de Araujo, *C. guttata*, Frederico P. Bastos, *C. (aclandiae x Kerchoveana)*, Johannes J. Mannhardt, *Dend. cariniferum* e Sérgio W. Furtado, *Paphipedium Colossum*; 85, Altamir Soares; 86, não identificado.

Capa

A Primavera cobre o período de melhor floração entre os cultivadores brasileiros. Dentre as muitas flores com que nos premia essa estação estão grandes espécies brasileiras e cruzamentos delas resultantes. Um dos temas que mais estará presente na linha editorial da revista é aquele do aperfeiçoamento genético de espécies brasileiras, assunto abordado por Amândio Pinho Caetano neste número. Dele, também, o desafio aos produtores brasileiros para que trabalhem com espécies nossas. Abre a galeria da Capa uma menos conhecida *Sophronitis roseum* (quando comparada, é claro, com sua irmã *Sophr. coccinea*), mas que, de uns tempos para cá, tem sido mais usada em cruzas, tendo ao lado *Cattleya Corcovado* (*C. Brabantiae* x *C. Pão de Açúcar*), cruzamento de Aniel Carnier cultivado pela Quinta do Lago. Completam o conjunto, duas magníficas espécies brasileiras, *C. intermedia* e *C. loddigesii*, ambas cultivadas por J. P. de Souza Fontes.

Conversa com o Editor

Que sai

A principal característica da OrquidaRIO, como associação de pessoas, talvez seja a de não sofrer traumas nas mudanças.

A troca de Editor é um exemplo. Considerei já esgotado o meu ciclo à frente da revista e surgiu, naturalmente, a escolha do Carlos Ivan, jornalista e fotógrafo profissional.

No mundo das orquídeas, depois de ter passado por *Epidendrum*, é, hoje, um apaixonado por esse gênero tão bonito, rico e variado, sobretudo tão brasileiro, como é o dos *Catasetum*.

Não tenho dúvidas quanto a que nossa publicação vai entrar numa nova fase, mais informativa, mais ao jeito dos nossos sócios, mais rica e mais bonita.

Raimundo Mesquita

Que entra

Quando Raimundo nos comunicou a sua decisão de abandonar a Editoria de Orquidário, um comentário resumiu o sentimento da Diretoria, todos seus amigos, “é justo, já fez muito pela sociedade e pela orquidofilia brasileira e, tendo presidido a 15^a Conferência Mundial de Orquídeas, também pela internacional”.

Fui eu o escolhido para substituí-lo. Trabalhamos juntos neste número, para garantir a transição e aí está o resultado.

O meu trabalho começará a mostrar-se a partir do próximo número. É inevitável que a revista mude, pois a minha visão pessoal é diferente da do meu antecessor. Não vai ser melhor, nem pior, será diferente.

Os planos? Continuar atendendo às necessidades dos nossos sócios, única razão de existir da nossa revista.

Aos leitores peço críticas e sugestões. Aos nossos colaboradores peço que continuem e intensifiquem já que a qualidade da revista depende deles.

Propósitos? Manter o entusiasmo e alento que surgiram há cerca de doze anos atrás, quando se fundou a OrquidaRIO.

Carlos Ivan .

(SEÇÃO ENCYCLIA) CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ENCYCLIAS BRASILEIRAS

Vitorino Paiva Castro Neto (*)

Conclusão



Roberto Agnes

Encyclia dichroma Alba, 'Josilda'
Cultivo: Raimundo Mesquita

Durante o período de confecção de "Orchidaceae Brasilienses" Pabst ainda descreveu mais 6 espécies a saber:

Encyclia burle-marxii Pabst. Espécie sinonimizada.

Encyclia cardimii Pabst. Outra *Encyclia* rupícola das regiões altas do estado de Minas Gerais, pseudobulbos de 8 cm de comprimento por 2 cm de largura, folhas de 16 - 19 cm de comprimento por 2,3 cm de largura, haste floral (4 flores) com 80 cm de comprimento, pétalas de 18 - 20 mm por 5,5 - 6,6 mm, pétalas espatuladas de 16 - 18 mm por 7 - 7,5 mm flor amarelo-acastanhada com labelo branco estriado com púrpura, o lobo mediano do labelo é arredondado com aproximadamente 1,0 cm de diâmetro, os laterais cuneiformes, o dobro do comprimento do diâmetro do mediano, quando esplanado. A descrição da espécie ressalta que, do calo central parte uma calosidade que

avança até a extremidade do lobo mediano, sendo elemento único de fácil reconhecimento. Gostaria de ressaltar que esta característica é também encontrada em *Enc. chloroleuca*, embora esta seja bem menor que aquela. Fica em aberto a sua adequada identificação, quando for encontrado novo exemplar da região de Montes Claros.

Encyclia duvenii Pabst. *Encyclia* rupícola do norte do Estado de Minas Gerais (região do Grão Mogol), porte robusto, folhas de tamanho médio largura 2 - 3 cm, haste floral 2 a 3 vezes o comprimento das folhas, flores espaçadas em panícula bem ramificada, flores de tamanho médio com pétalas e sépalas castanho-amareladas, lobo mediano do labelo quando esplanado linear espatulado, ligeiramente oblíquo, o mediano circular todo estriado de vermelho.

Encyclia ghillanyi Pabst. Também rupícola do Estado da Bahia. A primeira vista parece uma *Enc. dichroma*, mas esta possui certas características que a diferenciam daquela, rizoma longo, haste floral com as flores mais espaçadas, flor maior e mais estrelada. *Enc. dichroma* é encontrada em dunas perto do mar, *Enc. ghillanyi* nas primeiras elevações da Chapada Diamantina. Devido a proximidade poder-se-ia até considerá-la como uma subespécie.

Encyclia seidellii Pabst. Outra *Enc.* rupícola da região de Diamantina, Estado de Minas Gerais, porte médio com folhas não ultrapassando 25 cm, rizoma longo, haste floral longa, 2-2,5 o tamanho das folhas, flores pequenas entre as do gênero. As pétalas e sépalas são castanhas e o lobo mediano do labelo oval alongado estriado de rosa. Planta, bastante difundida, fácil de ser encontrada nas exposições de orquídeas.

Encyclia xerophytica Pabst. Mais outra

Enc. rupícola da Bahia, crescendo em lugar xerofítico a 1200 m de altitude sem indicação da localidade. Trata-se de planta robusta, folhas 6 - 10 cm de comprimento por 1 - 1,5 cm de largura, inflorescência racemosa com 50 cm de comprimento, 10 ou mais flores, grandes para a média, pétalas e sépalas linear-elípticas, oliva ou castanho, de cerca 2,5 cm de comprimento por 0,7 cm de largura, labelo, os laterais linear-elípticos, mediano branco todo estriado de rosa, forma oval-alongada cerca de 1,3 cm de comprimento. O exemplar que serviu de "typus" ainda existe, sendo o mesmo dividido entre vários orquidófilos de Recife, sendo visto as vezes em exposições de orquídeas. Eu mesmo possuo um exemplar.

ENCYCLIAS DESCRITAS APÓS O PERÍODO PABST.

Com relação as novas espécies de *Encyclias* descritas, não mencionarei as já sinonimizadas.

Encyclia alboxanthina Fowl. *Encyclia* rupícola encontrada em toda extensão da Chapada Diamantina no Estado da Bahia, sendo encontrada, deste a parte sul da Chapada, região esta que começa na Serra do Sincorá, junto com *Laelia sincorana*, até a região de Jacobina no extremo norte da Chapada, crescendo, as vezes, ao lado da *Cattleya elongata*. Esta *Encyclia* já era conhecida de longa data, porém nem Pabst nem outros botânicos contemporâneos ousavam descrevê-la, pois faltava informação, e muitos, pensavam tratar-se de *Encyclia osmantha*, outros, que se tratava de *Encyclia advena*. Com a redescoberta do quinto livro de desenhos de Barbosa Rodrigues, que se encontrava no Herbário de Harvard, foi possível identificá-la como nova espécie.

Planta de porte avantajado, com pseudobulbos chegando a mais de 20 cm, folhas de até 60 - 70 cm por 7 - 8 cm de largura, haste floral em panícula que pode chegar até 1 m., flores grandes de 5 - 6 cm distribuídas ao longo da panícula floral mais ou menos espaçadas, pétalas e sépalas geralmente verdes, podendo ser castanhas, labelo branco, o mediano subquadrático, os laterais quando esplanados, entre as extre-

midades, quase o dobro do mediano. Atualmente, esta *Encyclia* tem sido encontrada com frequência nas exposições de orquídeas.

Encyclia cachimboense L. C. Men. *Encyclia* descrita como procedente da Serra do Cachimbo do Estado do Pará, rupícola, altitude de 400 m sobre o nível do mar. Planta robusta, com pseudobulbos de 3 - 7 cm de altura por 3 - 5 cm de espessura, folhas não muito compridas de 13 - 23 cm de comprimento por 2 - 2,5 cm de largura, inflorescência de 43 - 50 cm de comprimento, flores (9) grandes para o gênero, sépalas e pétalas castanhas de aproximadamente 2,7 cm de comprimento por 0,6 cm de lado, lobo mediano do labelo triangular todo estriado de púrpura, o mediano ovalado, branco com estrias rosa, pouco mais comprido que largo e cerca de 1,5 vezes menor que lobos laterais esplanados.

Encyclia edithiana L. C. Men. Espécie citada como proveniente do Rio Madeira, do Estado do Amazonas, sem indicação precisa, planta esta cedida por Edith Marinelli Oliveira sem indicação de se é exemplar único. Planta de porte médio, pseudobulbos de 5 - 7 cm de altura por 3,3 - 3,6 cm de espessura, bifoliadas de 22 - 23 cm de comprimento por 2 - 2,4 cm de largura, inflorescência de 70 - 80 cm de comprimento com inúmeras flores, pequenas para o gênero, cor amarelo-esverdeado com estrias castanhas, pétalas e sépalas de aproximadamente 1,6 cm de comprimento por 0,5 cm de largura, pétalas com metade extrema ovalada. Lobo mediano do labelo ligulados, o mediano arredondado ligeiramente ovalado, largura do lobo mediano cerca da metade dos lobos laterais esplanados, todo o labelo recoberto de venulações púrpura.

Encyclia spiritu-santensis L. C. Men. Espécie afim com *Enc. megalantha*, do Estado do Espírito Santo, com características que a distinguem perfeitamente desta. Planta de porte avantajado, apresentando já um rizoma que é quase ausente em *Enc. megalantha*, folhas mais largas, haste floral racemosa, mais longa, com poucas flores, flor grande, podendo chegar em alguns exemplares ao tamanho de uma *Enc. randii*, labelo avantajado em relação aos outros componentes florais, cor avermelhada das pétalas e sépalas, labelo

uniformemente róseo com venulações púrpura. Planta que aparece, frequentemente, nas exposições de orquídeas.

Encyclia fowliei Duv. *Encyclia* epífita, do sul do Estado da Bahia, crescendo em matas junto com *Cattleya amethystoglossa*, conhecida como *Enc. silvana*, devido ao fato de ter sido encontrada e levada a São Paulo desde 1972 por Edmundo Ferreira da Silva.

Orquídea, facilmente reconhecível pelo aspecto vegetativo, pseudobulbos achatados com uma única folha, o todo de coloração vinho escuro, flores muito vistosas, pétala bem amedalhadas, sépalas também arredondadas, o todo marcado de venulações castanhas sobre fundo castanho claro, labelo pequeno.

Encyclia kundergraberii P. Castro & Campacci. Espécie procedente da região de Morro do Chapéu, do Estado da Bahia, encontrada junto com *Cattleya tenuis*. Planta pequena entre as do gênero, pseudobulbos de até 4,0 cm de altura por 2,5 cm de espessura, bifoliada de até 26 cm de comprimento por 0,8 - 1,3 cm de largura, inflorescência longas de até 65 cm, flores pequenas para o gênero, pétalas e sépalas de 1,4 cm por 0,4 - 0,5 cm de largura de cor variável de castanho amarelado claro até avermelhado escuro, labelo de 1,6 cm de comprimento por 1,3 cm entre os lobos laterais esplanados, os laterais trapezoidais, o mediano orbicular-elíptico de 0,6 cm de comprimento por 0,8 cm de largura, bilobado, cor variando do albo até o intensamente púrpura nas venulações.

Encyclia ivonae Carnevali & Romero. Planta coletada, na Serra do Parima, no Estado do Amazonas divisa com a Venezuela, por João Baptista Fernandes da Silva. Planta de porte médio, que a primeira vista parece algo intermediário entre *Enc. patens* e *Enc. oncidoides*, pseudobulbos trifoliados, de 5 - 12 cm de altura por 1 - 5 cm de espessura, folhas de até 55 cm de comprimento por até 5 cm de largura, inflorescência intensamente paniculada que pode chegar até 1 m de comprimento, flores médias para o gênero, sépalas e pétalas castanho-amareladas, de 1,4 - 1,6 cm de comprimento por 0,5 - 0,6 cm de largura, labelo de 1,4 - 1,6 cm no comprimento total por 1,5-1,8 cm entre as extremidades dos lobos laterais esplanados. Os

lobos laterais oval-triangular-alongados, o mediano amarelo claro com poucas venulações púrpuras, oval-alongado, de aproximadamente 0,85 cm de comprimento por 0,75 cm de largura.

Encyclia lutzenbergeri L. C. Men. Espécie de *Encyclia* do Planalto Central, região de Brasília e Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás. Planta rupícola de fácil reconhecimento pelo porte robusto dos pseudobulbos e folhas curtas e largas, haste floral racemosa, imensa com 6 a 10 flores de media para grandes, de aspecto semelhante a *Enc. megalantha*, pétalas e sépalas castanho amareladas, lobos laterais do labelo elíptico-alongados, o mediano arredondado, branco intensamente colorido por venulações púrpura.

sinonímia:

Encyclia chapadensis L. C. Men.

Encyclia santos-dumontii L. C. Men. Outra espécie da região de Brasília, encontrada dentro de área militar (6º Comar). É outra espécie sobre que pesam dúvidas, caso não se trate de outra *Enc. argentinensis*, pois o calo central e a coluna muito se assemelham a esta, porém, conforme as fotos, as pétalas e sépalas se apresentam algo diferentes desta, e a descrição da espécie diz que a haste floral é menor que as folhas.

Encyclia tocaninensis P. Castro & Campacci. Espécie, do Estado de Tocantins, encontrada nas matas ciliares dos afluentes do Rio Tocantins que nascem na Serra do Espigão Mestre, entre os Estados da Bahia e de Tocantins. *Encyclia* da mesma região da *Cattleya nobilior*, conhecida desde 1980, mas não descrita, devido a falta de informação que possibilitasse sua correta classificação; hoje, com os vários trabalhos publicados pelos "experts" e o acesso a literatura pertinente, isto se tornou possível.

Planta epífita de tamanho médio entre as do gênero, pseudobulbos de cor vinho, de até 10 cm de altura, folhas de cor vinho, até 40 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, haste floral paniculada de até 1m., multiflora, flores pequenas para o gênero, pétalas e sépalas verdes com estrias castanhas, de 1,3 - 1,4 cm de comprimento por 0,4 cm de largura, labelo de 1,1 cm de comprimento por 0,9 cm entre os lobos medianos espla-

nados, lobos laterais do labelo semi-arredondados, o mediano circular de aproximadamente 0,7 cm de diâmetro, branco com venulações róseas.

Encyclia unaensis Fowl. *Encyclia*, endêmica da região de Una na Bahia, cerca de 50 km. ao sul de Olivença, encontrada junto com a *Cattleya kerri*. Planta de porte pequeno, pseudobulbos de 2 - 2,5 cm de altura, folhas de 20 - 23 cm de comprimento por 0,8 - 1,2 cm de largura, haste floral pouco maior que as folhas com 7-10 flores espaçadas. Flores de 2,8 cm de diâmetro, pétalas e sépalas castanho amareladas, de 1,4 - 1,5 cm de comprimento por 0,4 cm de largura, lobos laterais do labelo ligulado divergente quando esplanado, o mediano branco, circular de aproximadamente 0,6 cm de diâmetro colorido de púrpura nas venulações da parte central. Planta que se reconhece facilmente pelo porte pequeno, folhas estreitas, haste floral pauciflora com flores pequenas espaçadas e a mancha púrpura na parte central do lobo mediano.

Encyclia xuxiana Fowl. & Duv. *Encyclia* do Estado do Espírito Santo, que, à primeira vista, nos faz pensar tratar-se de *Enc. euosma* (Reichb.f.) Porto & Brade. Uma análise mais detalhada mostra uma série de diferenças, planta de porte menor com pseudobulbos de até 3,0 cm de altura, folhas de até 22 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, inflorescência racemosa com até 8 flores, castanho avermelhadas ao passo que em *Enc. euosma* são castanho-amareladas, pétalas com a metade terminal bem arredondada bem diferente de *Enc. euosma*, sépalas também com parte média da extremidade mais arredondada, os lobos laterais são mais largos e mais encrespados na extremidade, lobo mediano do labelo rosa claro, um pouco maior e extremamente encrespada, flor muito vistosa e de perfume agradável que floresce em maio e junho.

Das *Encyclias* relacionadas no presente estudo, 41 foram por mim consideradas como ainda válidas e não sinonimizadas ou desclassificadas, das quais 30 considero perfeitamente válidas pelo fato de possuir exemplares e de as ter analisado, a saber:

Encyclia alboxanthina Fowl.

Encyclia amicta (Linden & Reichb.f.) Schltr.

Encyclia argentinensis (Speg.) Hoehne

Encyclia bracteata (Barb. Rodr.) Schltr.

Encyclia caximboensis L. C. Men.

Encyclia chloroleuca (Hook.) Neumann.

Encyclia dichroma (Lindl.) Schltr.

Encyclia duveenii Pabst

Encyclia cyperifolia (C. Schweinf.)

Carnevali & I. Rodríguez

Encyclia espirito santensis L. C. Men.

Encyclia euosma (Reichb.f.) Porto &

Brade

Encyclia fowleyi Duv.

Encyclia gallopavina (Reichb.f.) Porto &

Brade

Encyclia ghillanyi Pabst

Encyclia granitica (Lindl.) Schltr.

Encyclia kundergraberii P. Castro &

Campacci

Encyclia ivonae Carnevali & Romero

Encyclia lutzembergeri L. C. Men.

Encyclia megalantha (Barb. Rodr.) Porto

& Brade

Encyclia oncioides (Lindl.) Schltr.

Encyclia patens Hook.

Encyclia pauciflora (Barb. Rodr.) Porto

& Brade

Encyclia seidellii Pabst

Encyclia randii (Barb. Rodr.) Porto &

Brade

Encyclia tarumana Schltr.

Encyclia tocanensis P. Castro &

Campacci

Encyclia unaensis Fowl.

Encyclia yauaperiensis (Barb. Rodr.) Porto

& Brade

Encyclia xerophytica Pabst

Encyclia xuxiana Fowl. & Duv.

Duas *Encyclias* foram descritas inicialmente para outros países e citadas para o Brasil, de modo que as considero válidas, a saber:

Encyclia latipetala (C. Schweinf.) Pabst

Encyclia ionosma (Lindl.) Schltr.

Outras 6 falta fazer uma análise do "typus", apenas para confirmar se devem ser sinonimizadas ou adquirir prioridade quanto ao nome, a saber:

Encyclia advena (Reichb. f.) Schltr., que

deve corresponder a *Enc. osmantha* (Barb.

Rodr.) Porto & Brade

Encyclia cardini Pabst, que necessita uma análise do "typus".

Encyclia flava (Lindl.) Porto & Brade, provavelmente *Enc. euosma* (Reichb.f.) Porto & Brade

Encyclia rufa (Lindl.) Brit. & Millsp., provavelmente *Enc. pauciflora* (Barb. Rodr.) Porto & Brade

Encyclia mapueræ Huber. provavelmente *Enc. tarumana* Schltr.

Encyclia santos-dumontii L. C. Men., provavelmente *Enc. argentinensis* (Speg) Hoehne

Outras 3 são de difícil identificação por falta de desenho ou "typus" perdido em acidentes, a saber:

Encyclia albopurpurea (Barb. Rodr.) Porto & Brade

Encyclia huebneri Schltr.

Encyclia oxyphyla Schltr.

E uma restante, precisaríamos saber de sua origem e se já não foi descrita em algum país fronteiriço com o Brasil.

Encyclia edithiana L. C. Men.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Germán Carnevali, Ivón Ramírez e Gustavo Romero que muito contribuíram para elucidar

algumas espécies bastante obscuras, nos trabalhos que realizaram para as *Encyclias* da flora da Venezuela e pelo envio de exsicatas de algumas espécies de *Encyclias*. Agradeço também a Antônio Toscano de Brito e Philip Cribb, Curador do Herbário de Kew, pela possibilidade de analisar os "typus" e pelas fotos e desenhos fornecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos interessados, informo que as descrições, após período Pabst, podem ser encontradas nos seguintes periódicos: Boletim CAOB, Orquidário, Orchid Digest e Lindleyana. As *Encyclias* descritas por Pabst encontram-se todas na Bradea. Com isto estou justificando a omissão de não apresentar toda a bibliografia, que é demasiado extensa.

BIBLIOGRAFIA

(1) - Carnevali & I. Ramírez, "Boll. Com. Orquid. Soc. Ven. Cienc. Nat." 23: 13-87. 1988

(2) - Pabst & Dungs "Orchidaceae Brasilienses"

(*) Rua Vicente Galafassi 549
9.770-480, S. Bernardo do Campo, SP.



Orquidário Gnomos

Luiz Álvaro Pereira dos Santos

Rua Maracajú 1062, Bloco C, Apto 103
79.002-212, Campo Grande, MS
Tels.: (067) 384-2248 e 741-6665

Sobre o Controle de Pragas e Doenças nas Orquídeas

Prevenção é o melhor meio de manter suas orquídeas saudáveis.

Parte II.

Aaron J. Hicks (*)

(trad. Raimundo Mesquita)

Insetos, Moluscos, etc.

Os sofrimentos da orquídea ocorrem de muitas formas. O mais comum deles vem de insetos, que, no geral, são divididos em dois tipos: sugadores (como cochonilhas e afídios) e mastigadores (como lesmas).

Pragas são mais fáceis de prevenir do que curar. A melhor prevenção inclui a higiene geral da planta: mantenha limpas as suas plantas. Mantenha as folhas livres de poeira (folhas sujas são espaço para desenvolvimento de cochonilhas e pulgões); faça uma ducha em suas plantas ou esfregue-as com uma esponja úmida, ou, mesmo, com uma toalha de papel. Remova bainhas velhas, mortas ou secas. Cochonilhas e pulgões costumam esconder-se no espaço entre a bainha fibrosa e os pseudobulbos. Recolha as flores secas que caíram da planta, assim como as folhas mortas que se acumulam nas bancadas ou no chão da estufa. Ambas oferecem esconderijos adequados para lesmas e tatuzinhos, tornando-se, ainda, reservatórios de fungos.

Igualmente importante é examinar as plantas com regularidade. Muitos insetos levam a vantagem de começarem onde não podem ser vistos: debaixo das folhas ou em áreas escondidas. Quando regar uma planta

observe a existência de detritos acaso caídos. Partículas de tamanho e cor uniformes bem podem ser dejetos de pragas existentes em vez de partículas soltas do substrato em processo de decomposição. Observe pela manhã se não há rastros de lesmas nas folhas ou nas bancadas. Caramujos podem não aparecer na superfície a não ser à noite enquanto estão roendo o sistema de raízes. Vigie as pontas verdes das raízes para ver se não apresentam sinais de estar sendo sugadas ou roídas. Uma derradeira sugestão é inspecionar as plantas quando elas estão sendo recolhidas ao orquidário, no caso de terem sido levadas para cultivo ao ar livre durante algum período. As plantas nessa situação tendem a acumular bicho-bola, minhocas e outras pragas. Mais frequentemente do que pode parecer o substrato orgânico em decomposição atrai pragas que gostam de viver nessas condições. Inspeccione cuidadosamente as plantas que tenham estado nestas condições antes de recolhe-las ao orquidário. Procure ver os sinais de degradação do substratos ou marcas de sugadores. Mais importante de tudo, procure prevenir a infestação de suas plantas por pragas e doenças. Quando for cultivar ao ar livre evite que os vasos fiquem diretamente no chão e procure colocá-las distantes de materiais e detritos em decomposição

(ambiente propício para lesmas).

Isto não quer dizer que plantas não devam ser cultivadas ao ar livre, ao contrário. Eu descobri que o melhor tratamento para infestações seriamente persistentes é levar as plantas para o ar livre quando a temperatura permite. O vento, a chuva e as mudanças de temperatura são melhores para curar infestações do que pesticidas, cuidados manuais e outros tratamentos que não são fáceis de fazer.

Afídios são pequenos insetos sugadores e por vezes alados que, mais comumente, apresentam coloração única, com cerca de 1 a 3 mm de comprimento. Costumam aparecer durante os períodos secos e quentes. Podem ser difíceis de erradicar. Em muitas plantas ele costumam se instalar nos brotos novos ainda tenros e imaturos e, sobretudo, nas flores e hastes florais.

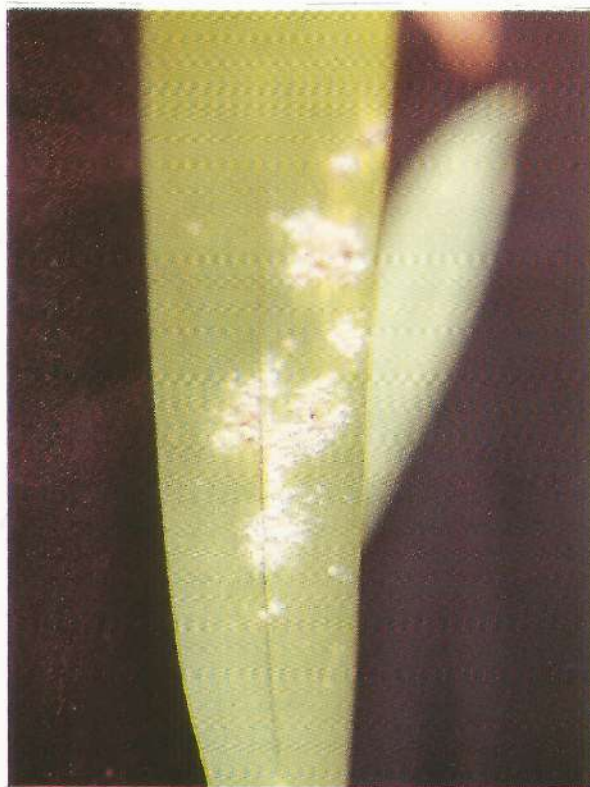
Muitos inseticidas podem ser usados contra os afídios. Pode, também, encontrar-se diversos insetos predadores como larvas de Joaninha. Um vaso amarelo cheio de água a que se acrescenta pingos de detergente de cozinha também faz um bom efeito pois estes insetos são atraídos pelo amarelo e se afogam. Folhas de cartolina amarela untadas de vaselina ou produto similar podem igualmente ser usadas para prender os insetos, com a vantagem de poderem ser limpos e reutilizados em outras áreas com plantas atacadas.

Quando a infestação é pequena adote este procedimento: esterilize um balde grande o suficiente para caber a planta (um balde de 10 litros cabe com folga a maioria das orquídeas). Esterilize por cerca de uma hora com uma solução a 10% de água sanitária e, depois, enxague com água pura. Coloque no fundo do balde uma fina camada de detergente doméstico completando com água. Mergulhe o vaso com a orquídea. Vá removendo os pedaços de substrato que estejam flutuando (boa parte dele ficará presa

pelas raízes se a planta estiver com um bom sistema radicular), ou então tenha o substrato usando gaze ou tecido similar. Os afídios vão se afogar depois de algumas horas de imersão da planta e irão sendo levados pela água à medida que você faça o vaso transbordar. Aplique pela manhã para dar tempo à planta de secar até à noite. Repita sempre que necessário.

Cochonilas apresentam muitas formas. Os dois grupos mais comuns são as pardas e as brancas, Boisduval, esta que parece um pó branco. Ambos os tipos aderem às folhas e são facilmente removíveis com a unha. Tem diâmetro que vai de menos de 1 mm até de 4 a 5 mm.

Existem muitos inseticidas apro-



Raimundo Mesquita

Folha de *Wilsonara* atacada por cochonilas, vêem-se, claramente, dois tipos, cerosa e Boisduval (cochonila-vírgula)

priados. Espalhantes adesivos adicionados à calda inseticida aumenta o poder de combate, pois a maioria das cochonilas possui uma carapaça cerosa que as protege dos pesticidas. Existem alguns produtos novos, sobretudo

aqueles à base de óleo inerte que sufocam as cochonilas. São, na verdade, destilatos de petróleo, que, teoricamente, tem baixa toxicidade.

As **cochonilas** são encontradas comumente nas costas da folha e, também, nas hastes florais e nas flores. Excretam uma espécie de néctar que pode ser visto nas folhas infestadas e, até mesmo, nas bancadas abaixo das plantas atacadas. Isto é um dos primeiros indicadores da existência do problema. É pegajoso e produz marcas claras nas folhas.

A remoção das cochonilas pode ser feita pelo cultivador doméstico com uma mecha de algodão embebida álcool isopropílico. Embora a cochonila seja facilmente removida os ovos podem restar. Nova aplicação de álcool ajuda a remover ou matar ovos que possam ter permanecido no local atacado. Infestações mais extensas podem ser combatidas com uma escova com cerdas macias. Esteja certo de escovar todos os cantos e gretas. Cochonilas, especialmente as finas, brancas e esfarinhentas, Boisduval, são persistentes.

Estes coccídeos detestam água. Por isso uma rega forte após a aplicação de álcool e, ainda, a lavagem de folhas e pseudobulbos pode efetivamente fazer desaparecer infestações fortes. Qualquer tratamento ou aplicação deve ser repetido após uma semana para garantir a eliminação de ovos.

Ultimamente alguns cultivadores tem preconizado a aspersão da planta inteira com soluções de álcool ou Lysol. Tenho tido notícia de plantas que sucumbiram em consequência de causa desconhecida, alguns meses após tais tratamentos, mas são referências esparsas que, ainda assim, podem permitir a conclusão de tais acidentes terem sido consequência de introdução acidental do álcool no sistema radicular. É, por tudo isso, de sugerir com veemência que aplicações tão extensas sejam muito restritas e controladas até que se tenha certeza dos

resultados. Não há notícia de danos causados por aplicações localizadas nas folhas.

Cochonilas-vírgula parecem tufo de algodão. São similares às cochonilas cerosas no tratamento e propriedades. Como no caso anterior é recomendável a aplicação com espalhante adesivo.

Cochonilas-vírgula tem grande aversão a água. O "lava-e-esfrega" aplicável aos afídios também vale para esse tipo de cochonilas. De uma maneira geral o combate é semelhante ao que se faz às outras cochonilas. Como com aquelas devemos ser completos: pesquisar ovos que não podem ser detectados sem auxílio de lentes e larvas que se escondem nas bainhas dos pseudobulbos. As cochonilas não parecem mover-se, mas se deslocam lentamente e podem infestar as plantas vizinhas.

As **lesmas** habitam em geral em áreas de detritos, mas por vezes decidem que raízes novas são manjares irresistíveis.

As lesmas gravitam em áreas de grande umidade. Manter seco o espaço debaixo das bancadas ou mesmo aquele entre os vasos é importante para prevenir a formação de grandes populações. É recomendável o uso, no piso das estufas, de materiais ásperos e irritantes para as lesmas. Areia grossa, brita, tijolo ou telha quebrados, etc. são bons pois nenhum deles atrai lesmas. Cultivar plantas debaixo das bancadas é, virtualmente, dar boas vindas às lesmas e encorajar o desenvolvimento de grandes comunidades delas.

O uso de pratos rasos cheios de cerveja eliminará grandes quantidades de lesmas que, atraídas, se afogarão. Existem relatos de que lesmas aprendem a beber a cerveja sem caírem e se afogarem, mas isto pode ser remediado pelo uso de certos pratos, com bordas mais inclinadas e com variação no nível da cerveja no fundo do prato.

As lesmas podem ser, ainda controladas com algumas outras técnicas.

Não cultive, nas proximidades do

orquidário plantas que costumam abrigar lesmas, bananeira é uma delas. As lesmas se escondem às centenas na bainha de suas folhas.

Para muitos cultivadores a caça manual é o melhor método de controle. As lesmas tendem a sair à noite quando é maior a umidade. A caça se faz com uma pequena lanterna portátil à procura do rastro brilhante e, também, das lesmas mesmas.

Outro truque é dividir pelo meio um pé de alface que se molha regularmente, recolhendo periodicamente as lesmas que nele se escondem.

Grânulos de metaldeído é o produto químico mais usado no combate a lesmas, mas ele é venenoso para animais domésticos e deve ser manipulado com cuidado. Espalhe quantidades generosas debaixo das bancadas e entre os vasos.

Lacraínhas são pequenos insetos vermelho-e-pretos com pinças na parte traseira. Elas atacam flores e partes tenras da planta, como brotos novos. Medem de 10 a 16 mm e costumam esconder-se nas gretas da planta.

São melhor caçados à mão. Ao mover plantas observe debaixo dos vasos onde as lacraínhas costumam abrigar-se. Observe, também, as fendas e partes estreitas entre os bulbos. Suspeitando de infestação no substrato use um balde previamente esterilizado, ponha a planta dentro e vá derramando água. As lacraínhas boiam e fica fácil removê-las e destruí-las.

Tatuzinhos são artrópodos cinza que

parecem recobertos de uma carapaça. Medem cerca de 12 mm e algumas espécies se enrolam e rolam como uma pequena bola quando perturbados. São bastante nocivos e gostam de viver entre detritos que resultam de substrato velho e já decaído. A presença deles, assim como de centopeias e outros detritívoros indica que o substrato já está velho e que a planta necessita de ser transplantada.

Eliminar tatuzinhos é fácil como com as lacraínhas. Mergulhe o vaso e remova. Costumam ser encontrados, também, em plantas cultivadas em exterior nos períodos quentes. Inspeção e trate antes de trazer de volta para dentro de casa ou da estufa.

Mosca-branca é exatamente o que o nome indica, pequeninas moscas de cor branca. São mínimas (de 2 a 3 mm de comprimento) e tem asas. Sugam as plantas e, provavelmente, atuam como vetores de doenças. Podem ser combatidas limpando-se as plantas, embora seja difícil, pois voam e sempre esquecemos de cuidados completos de limpeza. Existem predadores naturais. Armadilhas de água com açúcar e papel amarelo com cola, como já ensinado, são também eficazes.

Pesticidas à base de kinoprene são controle do crescimento desses insetos, assim como de áfidos e outros. Repita as aplicações sempre que necessário. Depois de pulverizar, afaste-se e só retorne ao local da aplicação pelo menos 12 horas depois e certifique-se de ter arejado bem o lugar.

Falaremos, a seguir, dos patógenos.

A OrquidaRIO precisa de você

Colabore, divulgue a sociedade. Traga novos sócios. Contibua para o Fundo de Apoio à OrquidaRIO. Traga suas idéias e sugestões.

AMÂNDIO, UMA LIÇÃO DE AMOR ÀS ORQUÍDEAS

A maioria das entrevistas que tenho feito nesta série (que tem o propósito, nada oculto, de oferecer elementos para a história da orquidofilia brasileira), tem sido na base de mandar o questionário escrito e receber texto de resposta. Nesse tipo de interlocução perde-se uma porção de coisas, mas nem sempre se pode vencer as distâncias... Com Amândio foi diferente. Mande-i-lhe o questionário, mas ele, por telefone (como ele disse num dos trechos da sua fala, faz do telefone suas antenas para o mundo...) me disse que não ia escrever e dias depois recebo duas fitas-cassete, com o que todos vão ler. É o testemunho de vida e de amor de um dos melhores orquidófilos brasileiros que já conheci e de um ser humano de grande envergadura, Amândio Pinho Caetano.

Raimundo Mesquita

Amândio, como é que você se tornou orquidófilo? Isso foi quando?

- Bom, eu me tornei orquidófilo visitando uma exposição em Água Branca, onde conheci Ernesto Angerer e sua esposa, Regina e, também, Waldyr Endsfield. A Ernesto Angerer devo praticamente todo conhecimento que adquiri na minha iniciação em orquídeas. Passei a frequentar a casa deles e Ernesto, um dos maiores orquidófilos que o Brasil já possuiu, foi quem me ensinou que, para bem conhecer uma planta, você deve observá-la por muito tempo, até cansar de olhar e quando estiver cansado, olhar, olhar de novo, até ser capaz enxergar e tornar-se capaz de descrever cada detalhe daquela planta. Foi assim que me iniciei nas *Laelias purpuratas* em que o Ernesto era grande especialista. Isto deve ter de 30 a 32 anos.

Você sabe que, ainda hoje, há pessoas

no meio orquidófilo, dizendo-se orquidófilas, que olham uma planta, mas não conseguem ver o que ela tem de importante e característico.

Você tem uma trajetória parecida com a de Rolf Altenburg, primeiro industrial, no ramo de produtos químicos e, depois, comércio de orquídeas. Como foi e quando?

- Você sabe que tenho formação em química e na indústria eu tive uma trajetória rápida. Comecei como técnico e acabei como empresário no Brasil e na Argentina. Ajudamos a implantar uma indústria médico-farmacéutica nitidamente brasileira. Derrubamos a lei de patentes. Demos muita dor de cabeça às multinacionais. Os estrangeiros ficavam abismados com a nossa ousadia e com a nossa capacidade de produzir certas substâncias. O fato é que, respondendo à sua



Amândio e Júnior na estufa de *Phalaenopsis*



Carina, filha, operando a caixa estéril

pergunta, essa atividade me deu, também, grandes alegrias. Abandonei-a por dois motivos, um, a guerra sindical, dois, as flores.

Vamos entrar nos seus segredos?

Quais são as suas preferências em matéria de orquídeas? Espécies ou híbridos?

-Você sabe que na minha atividade profissional sempre trabalhei em pesquisa e isto tem continuado desde que me profissionalizei como produtor e comerciante de orquídeas. Quanto aos híbridos, eles andam tão complexos que já não há, praticamente, alegria de trabalhar nisso. É claro que você pode procurar colocar uma pinta aqui, um traço ali, mas o fato é que os híbridos já atingiram uma tal perfeição que é difícil melhorá-los, a não ser quando trabalhamos com retrocruzamentos. Comercialmente a gente pode hibridar buscando determinadas coisas, maior número de flores, uma época especial para floração, etc.

Mas você já pensou no trabalho de aperfeiçoamento que se pode fazer com espécies, numa purpurata, numa labiata, numa loddigesii, numa intermedia, numa schilleriana, numa aclandiae. São caminhos magníficos em que, praticamente, ainda não se fez nada. Eu tenho trabalhado nesse campo e com grandes alegrias. É certo que,

muitas vezes a gente usa grandes matrizes, plantas maravilhosas e se obtém, no final, resultados medíocres ou estapafúrdios. Mas, no geral, são muito grandes as alegrias.

Qual é a flor do seu coração, ou melhor, se você tivesse que eleger uma flor “nacional” do orquidófilo Amândio Pinho Caetano, qual seria ela?

Você me conhece há bastante tempo para saber que o Amândio é purpureateiro, purpureateiro de coração, de carteirinha assinada, eu sou purpureateiro e corintiano!...

Qual é o seu grau de satisfação com a atividade de produtor e comerciante de orquídeas? Se tivesse de recomeçar, você voltaria a desenvolver essa atividade? Nas mesmas bases?

O comércio de orquídeas hoje em dia já não é como antigamente. É, hoje, uma atividade altamente competitiva, onde você tem que ser extremamente dinâmico, estar ao par de tudo que está se passando no mundo, porque a competição é forte.

Em outros tempos você se estabelecia com um orquidário, deitava e rolava. Hoje, se você quiser apenas “deitar e rolar” em uns dois, três anos, acaba ficando para trás de uma maneira tal que nunca mais vai se recuperar.

No ramo que estamos mexendo hoje, com odontos, odontocídios, phalae-nopsis, a evolução dos produtos é tal, as novidades são tantas que ou você se mantém atualizado ou está fulminado. Mas é uma alegria, porque você lida com gente de muito bom nível, de muita competência e faz grandes amigos. Eu posso dizer que a orquídea me propiciou ter amigos espalhados pelo mundo todo. O Amândio é conhecido, tem amigos e isto é uma coisa maravilhosa.

Fale agora de cultivo e dos conselhos de manejo aos que querem se iniciar no cultivo

de orquídeas. Fale, também, de prevenção e combate a pragas e doenças.

- Se eu voltasse alguns anos não só teria começado da mesma maneira, mas, também, teria começado profissionalmente há mais tempo, eu teria me afastado da atividade industrial e me teria voltado para o comércio de plantas. No começo eu vacilei entre cultivar gérberas ou orquídeas. Eu adoro gérberas e não fiquei por aí porque essas plantas são protegidas por patentes tão violentas que não consegui me introduzir nesse comércio. Não conseguia sementes, não conseguia matrizes, que estavam todas patenteadas e o pessoal da Holambra bloqueou a venda de gérberas para o Brasil, mas eu adoro gérberas. Uma coisa é certa, porém, mesmo que eu viesse a comerciar com gérberas eu jamais teria abandonado o cultivo de orquídeas.

Cultivo é uma coisa estranha, pois você sabe bem que o que vale no meu orquidário não vale no seu. Existe um problema de iluminação, existe o problema de vento. Não existe regra geral para cultivo. Em qualquer orquidário o cultivador tem que pesquisar, tem que tentar ver qual é o melhor lugar para uma determinada planta, pois às vezes você tem uma planta que não vai bem e você muda ela dez metros para um lado ou para outro e ela passa a vegetar magnificamente, então não há remédio, você tem que procurar dentro do seu orquidário qual é o me-

lhor lugar para cada planta, pois algumas gostam mais de sol, outras mais de sombra, há as que gostam mais de vento, as que gostam de secar mais rápido, as que gostam de um lugar mais arejado, outras não gostam de secar a ponta da raiz. Enfim cultivo é algo que tem de ser aprendido na prática, você tem que se dedicar, pois orquídea é uma coisa que você tem que cuidar, já que não é como qualquer outra planta que possa ser largada e, ainda assim, ela vai. Não, orquídea precisa de carinho, cuidado, de adubação, de regas corretas. Uma das coisas que ouço com certa frequência é que orquídea não gosta de umidade; digo que isso é um engano muito grande, pois o de que ela não gosta é de substrato encharcado, mas quer umidade, umidade, veja bem, mas não de água em excesso. Faça o teste, observe uma planta mantida sempre úmida (daquele jeito que, tocando no xaxim, você sente que não está seco) e você vai ver, as raízes estão mais grossas e mais brancas, com as pontas sempre verdes. Ao contrário, se você mantém suas plantas em xaxim desidratado, vai ver que as raízes são fininhas, as pontas são duras e você sabe, tanto quanto eu, que a pior coisa que

pode acontecer em cultivo é deixar morrer a ponta da raiz, pois quando isto acontece a sua planta deixa de crescer de um a dois meses. Para um amador isto não tem lá muita importância, mas para um profissional isto tem custo, é perda de tempo que custa dinheiro,



Cattleya luddemania. Sementeira de Amândio



Berçário de frascos seados e germinados

você conhece o ditado...

Sobre pragas e doenças quero lhe dizer que, em matéria de prevenção, uma planta sadia praticamente não tem pragas ou doenças. E saúde quer dizer adubação e cuidado. Uma planta bem cuidada e bem adubada nunca adoece e não sofre ataques de pragas. A única praga que, por vezes, é difícil de combater é a infeliz da cochonila que gosta de atacar os orquidários, principalmente as plantas mais antigas, as plantas mais estressadas. Fora cochonila, um orquidário bem cuidado não conhece pragas. O conselho mais útil que posso dar a quem queira fazer um orquidário, ou, mesmo, um ripado é no sentido da vedação, ou seja, faça o seu ripado mas feche por cima e pelos lados com tela sombrite, fazendo, inclusive, portas, para evitar a penetração de insetos e outras pragas.

Comuns em orquidários são as lesmas e caracois. Quando eu visitava os orquidários de japoneses eu observava que por ali não se viam esses predadores e eu pensava que aquela gente devia fazer combate sistemático, até que descobri que não, que era também adubação em que os japoneses são mestres. Este é o segredo, adubação foliar em aplicações semanais e nas dosagens recomendadas.

Fale das suas gratidões orquidófilas. Diga, ainda, o que você quer legar aos seus dois filhos, que, como todo mundo sabe, são seus ajudantes e, também, cultivadores e produtores. Como se dividem as atividades dos dois.

Ao Ernesto, meu primeiro mestre, devo muito. Devo, também, a José Dias de Castro. Tive grandes amigos, a vida me premiou com grandes amigos, entre os orquidófilos mais antigos. Saudoso S. Hermann, um grande amigo de Porto Alegre, amigos como Mário Arruda Mendes, Martinnelli, que dá saudade por que de há muito não o temos visto animando as exposições, o "Teteia", desculpe, Heitor Gloeden, o Jacy, de Ponta Grossa, grandes amigos, o nosso Sebastião Carneiro de Moraes, de Minas, grande homem, grande orquidófilo, grande companheiro. Entre os orquidófilos, você sabe, muita gente não gosta de mim, dizem que eu sou chato, mas, mesmo assim, eu consegui ter grandes amizades, gente que tem sido muito importante para minha vida não apenas para o orquidófilo.

Eu sou dos poucos privilegiados que conseguiu transmitir aos filhos o interesse por orquídeas. Os dois, tanto Júnior quanto a Carina, trabalham comigo. O Júnior é hoje o meu braço direito na produção e a Carina cuida do laboratório. O Júnior já trabalha comigo por volta de doze anos e a Carina começou há, aproximadamente, um ano e meio. Creio que gostam e estão bem adaptados, aprendendo muito rapidamente. O quero legar-lhes? Aquilo que sempre pratiquei: trabalho, seriedade e respeito aos amigos, à profissão e

aos clientes, causa da nossa existência como comerciantes.

Vou mudar de assunto, para lhe dizer que uma das minhas mais gratas emoções orquidófilas foi ver, numa das exposições da AOSP, uma touceira florida de *C. walkeriana* 'Feiticeira', de sua coleção. Quero, assim, registrar e documentar um fato histórico. Fale dela e de como surgiu entre os cultivadores e como foi parar nas mãos de Ademar Manarini, que lhe deu destaque e divulgação. Aproveite e fale, também, daquilo que mais agrada a todo orquidófilo, suas grandes descobertas, seus achados.

É uma história muito engraçada. Uma vez eu vinha vindo de carro de Santos e disse a minha mulher: "Vamos passar lá no Zé do Mato, que deve ter chegado de Minas e ver o que ele trouxe". O Zé era um catador de orquídeas ali de Diadema. Quando chegamos ele estava abrindo um monte de caixotes, cheios de walkerianas. Como bom fuçador lá fui eu enfiar a mão nas caixas nas caixas e de repente me aparece uma flor solta que eu quase "caio-de-quatro". Perguntei a ele: "Ô Zé cadê isto daqui?". E ele: "De que caixa você pegou?. Daquela dali, respondi e ele me disse: "então deve estar lá". Ganancioso, eu nem quiz procurar, comprei a caixa inteira. Passei o ano na expectativa, cultivando aquelas plantas todas à espera da hora de ver de novo aquela flor. Na época eu era meio principiantão e muitas vezes falei à minha esposa, puxa vida vai ser um arrazo e eu vou dar a ela o nome de Naldair. Passou o ano e começaram a florescer as walkerianas. Nada da flor espetacular que eu vira. Apareceram, é certo, boas plantas, a Fet 1, a Fet 2, que não são tão exuberantes, mas que têm labelo muito melhor do que o da Feiticeira, que, infelizmente, tem nisso seu único defeito, um

"para bem conhecer uma planta, você deve observá-la por muito tempo, até cansar de olhar e quando estiver cansado, olhar, olhar de novo, até ser capaz enxergar e tornar-se capaz de descrever cada detalhe daquela planta."

labelo muito pequeno. Mas nada, a planta não aparecia. Uma ocasião resolvi fazer uma visita a um amigo de Valinhos. Quando cheguei estava ele com amigos admirando uma touceirinha de orquídea. Me incorporei e levei um susto, lá estava a flor que eu tanto esperara,

com duas flores maravilhosas. Perguntei ao Castro que era o proprietário: "Onde você arrumou isto?"; "Lá no Zé do Mato, me respondeu". Acho que foi esta uma das poucas vezes em que eu perdi as estribeiras; procurei "Zé do Mato" e dei uma bronca, "por que você me vendeu uma caixa se você já tinha tirado a planta que eu queria e você me disse que estava ali?"

Mas, eu tinha observado que na touceira do Castro havia uma falha e perguntei ao Zé para quem ele vendera e ele me respondeu que fora para um tintureiro de Diadema. Deste passou para Kameyama, o "Cachimbo", que a cedeu ao Loboda para cultivo e, assim, ela chegou ao Ademar Manarini que, meristemando, divulgou-a com o nome que lhe dera o Castro, Feiticeira. O que ninguém conseguiu até hoje explicar adequadamente é como aparece tanta variação nos clones feitos por Manarini: A única hipótese plausível é a de erro nos cortes meristemáticos. Houve uma segunda meristemagem, feita pelo Gilberto Kerbauí, mas até hoje ninguém viu os resultados para saber se os clones saem iguais ou não, de modo a que se pudesse saber, com certeza, se na primeira houve algum erro de laboratório. A minha, que você viu naquela é exposição, é um pedaço da planta original, que depois pude obter.

Meus maiores achados, no mato, foram por telefone... Eu explico, depois de uma queda de árvore tentando colher uma *Sophronitis* e de quase ter morrido debaixo de uma pedra que correu e por pouco não me esmagou, desisti de mato e passei a usar o telefone. Depois cheguei à conclusão de que

o laboratório funciona melhor do que mata na nossa constante busca da perfeição...

À sua maneira, você é um grande preservador, já que dos seus laboratórios e sementeiras tem saído uma grande profusão de grandes espécies brasileiras. Quero que você fale sobre isto. Fale, também, sobre o interesse comercial de plantas de grande tamanho, como é o caso de *Laelia purpurata*, de que você é um dos grandes produtores brasileiros, ao lado de alguns gaúchos e catarinenses.

De fato as plantas de grande porte, entre elas a *L. purpurata*, que a gente adora, comercialmente são problema. Além do mais a flor da *purpurata* é muito sensível a transporte e, por isto, é complicado produzi-la em larga escala. Nós temos tentado comercializá-la quando ainda em botão, mas no Brasil não existe tradição de comprar planta ainda não florida e, além do mais, os distribuidores não costumam ter espaço para estocar plantas até o florescimento, sobretudo a *purpurata* que, como você sabe, precisa de condições especiais para florescer bem. Das outras grandes espécies brasileiras, a labiata, por exemplo, floresce numa época em que há uma profusão enorme de híbridos e, assim, comercialmente também tem grande dificuldade de venda. O mercado são alguns colecionadores.

Infelizmente as melhores espécies brasileiras estão na mesma situação, costumam florir nas épocas em que, também, há muitas flores e híbridos e assim, também, a clientela cativa é de amadores e mesmo esta está difícil porque quase todos amadores são, hoje, semi-profissionais. No Brasil, hoje, existem muitos produtores de orquídeas, sobretudo de "espécies" (ponho entre aspas porque tudo mundo sabe as barbaridades que estão se cometendo sob esse nome, os cruzamentos de má qualidade, as contrafações, etc.)...

E *Cattleya*, entre as brasileiras e colombianas, quais as de melhor comercialização e mais apreciadas pelos colecionadores?

O mercado para *Cattleya*, sejam brasileiras ou andinas, enfrenta o mesmo problema, saturação nas épocas de flor. Antigamente se conseguia produzir e vender as espécies andinas. O mercado tem grande preferência por *C. trianaei*. Engraçado, o mundo adora trianaei^(*). A nossa labiata é tão bonita quanto uma trianaei, principalmente as de Pernambuco com aquele maravilhoso porte alto e aqueles tufos de flores, mas o mundo adora trianaei, o mundo gosta é de trianaei. É difícil de entender isso, mas é o fato. É um mercado difícil; o Japão e os Estados Unidos que foram grandes importadores, hoje produzem suas espécies de *Cattleya*. Também nesse cenário você vê as complicações. Vou dizer logo, as falsificações. Veja os exemplos: orquidários americanos que insistem em vender *C. Dolosa* (*C. walkeriana* x *C. harrisoniana*) como walkeriana e outras muitas outras fraudes. Certas trianaei encontradas no Japão e levadas daqui são falsas também. De vez em quando a gente vê no Boletim americano, como espécies, plantas que, visivelmente, são híbridos. O que é que vai se fazer...



(*) O registro internacional de Orquídeas da RHS registra, em 10 gerações, 10.355 híbridos descendendo de *C. trianaei*. Sobre a afirmação ver pag 91.

CONCURSO FOTOGRAFIA - 1998

CARLOS IVAN DA SILVA SIQUEIRA

C

omo prometido, estamos divulgando neste número o resultado do 2º Concurso de Fotografias da OrquidaRio.

Como todos leram no Regulamento do Concurso havia duas categorias de concorrentes: profissional e amador.

Tivemos uma expressiva participação de concorrentes e sócios.

Na categoria Profissional o vencedor foi Sérgio Alevato Filho, do Rio, com *Oncidium cebolleta*, no seu habitat.

Na categoria Amador tivemos três classificados:

- a) em 1º lugar, Sérgio Oliveira Milagres de Araujo, de Minas Gerais, com a foto da *Cattleya guttata*;
- b) em 2º lugar ficou Frederico Poubel Bastos, de Nova Friburgo com *Cattleya* n.r. (*aclandiae* x *Kerchoveana*);
- c) em 3º lugar, empatados, Johannes Jakob Mannhardt, do Rio, com *Dendrobium cariniferum* e Sérgio Walch Furtado, de Maricá, com um *Paphiopedium Colossus*.

Todos os vencedores receberão, como prêmio, as plantas que escolheram. As fotos, conforme o Regulamento, ficarão pertencendo ao acervo da OrquidaRIO podendo ser utilizadas em mostras e futuras exposições.

Na oportunidade, gostaria de recomendar aos futuros candidatos alguns cuidados na remessa de fotos por correio. É muito

importante ter cuidado na embalagem, pois as fotos quando mal acondicionadas chegam em mau estado, impedindo a participação dos interessados no concurso. Algumas fotos recebidas tiveram que ser desclassificadas por estarem muito amassadas. A melhor maneira é mandar enrolada dentro de um tubo, de cartão ou de plástico, ou entre dois papelões rígidos.

Outra observação que, como fotógrafo, quero fazer é quanto aos cuidados na escolha da flor a ser fotografada, já que as fotos objetivam Exposições: procurem flores vistosas e reconhecidamente de grande valor para premiação. Cuidado com as flores de substância rígida e cerosa, pois costumam refletir a luz que incide sobre elas, sobretudo a de flash.

E cuidado, também, com o enquadramento da foto, nada de cortar segmentos, pedaços de labelo, de pétalas ou das sépalas.

A função da foto não é só beleza, mas, também, a de documentar uma flor determinada; assim, o enquadramento e a distância do foco são fundamentais.

Com a divulgação do resultado, estamos lançando o 3º Concurso, de 1999, com o prazo de entrega das fotos fixado para 31.07.99, na sede da OrquidaRio e com o mesmo Regulamento deste Concurso, de 1998.

PARTICIPE.



1º. Lugar



Cattleya guttata

foto de Sérgio O. M.de Araujo

2º. Lugar



Cattleya (aclandiae x Kerchoveana)

foto de Frederico P. Bastos

3^o. Lugar



foto de Sérgio Walch Furtado

Paphiopedium Colossus.

3^o. Lugar



foto de Johannes J. Mamhardt

Dendrobium cariniferum

CATASETUM FLORES FEMININAS.

Altamir Soares (*)

As flores de *Catasetum*, principalmente as masculinas, são altamente decorativas, costumam apresentar flores dimorfas e até trimorfas na mesma inflorescência. Numa observação mais detalhada, podemos observar entre várias flores femininas, uma grande variabilidade na morfologia do labelo, objeto de análise neste artigo. As flores femininas



Catasetum brichtae
Flor feminina

apresentam características distintas das masculinas: labelo elmiforme, súpero, carnoso, antera atrofiada ou rudimentar; cápsulas grandes e pesadas, ausência completa das antenas e por possuírem sépalas e pétalas mais largas e menos longas. As flores femininas, de 3 a 7 por haste, apresentam sempre cor verde, algumas com pintas castanhas e vermelho nas sépalas e pétalas. Espécies do grupo "Barbatum", apresentam maior número de flores femininas, em relação a outras espécies. Na

maioria das espécies, a haste, sempre ereta, raramente arqueada como em *Catasetum multifidum*. Uma inflorescência com apenas flores femininas, fica difícil identificar a que espécie pertence, sem a presença das flores masculinas. A durabilidade da flor feminina, pode alcançar mais de 2 semanas, o perfume, mais intenso, atraindo os polinizadores.

Tenho notado que em algumas espécies, as flores femininas possuem tamanho proporcional às flores masculinas como em *Catasetum vinaceum*, *longifolium*, *garnettianum*, mas, algumas espécies são desproporcionais; ex.: *Catasetum discolor*. Em *Cism. brichtae*, *garnettianum*, *discolor*, o labelo, mais globoso, enquanto em *Cism. pileatum*, *osculatum*, *saccatum*, *schmidtianum* o labelo, globoso tubular.



Catasetum vinaceum
Hoehne



Catasetum discolor Lindl.
Flor feminina

Plantas novas ou subdivisões de touceiras de *Catasetum* raramente apresentam flores femininas, vindo ocorrer com mais frequência, quando estão bem entouceiradas. Em minha região, o *Catasetum fimbriatum* com mais de 15 pseudobulbos é comum verificar que somente apresenta das flores femininas de 2 a 3 anos subsequentes ou mais. O cultivo em estufas, a luminosidade parece influenciar também. Quanto maior a incidência de luz, mais chance de obter as flores femininas.

Belas, atraentes, perfumadas, incompreensível o motivo pelo qual estão ausentes das exposições e não são julgadas, quando aparecem.

*Altamir Soares, sócio e editor do Jornal da ABRACC. Rua Dr. Joaquim Coelho Filho, 280-B. CEP. 37.177.000.

Guapé-MG

Requiem

Helena Eyer

(†) 17.10.98



Alguém já escreveu que a história de uma nação, de um grupo social, de uma organização, de sociedade de amadores disto ou daquilo só começa verdadeiramente quando ela começa a ter a memória de seus mortos queridos, dos mortos que contribuíram para a formação de um passado.

A OrquidaRio já vai formando sua história, pois já temos alguns mortos, mortos que, infelizmente, para nós seus contemporâneos, já vão se tornando muitos e formando galeria de muitas lembranças.

Perdemos agora Helena Eyer, vítima inesperada da fatalidade de um acidente de carro e não podemos deixar de pensar que o seu falecimento foi um pouco consonante com sua vida de atletismo e aventura, pois Helena foi ginasta, caçadora submarina, paraquedista, montanhista. Gostava de conviver com o perigo e suas emoções, assumia riscos.

Foi, também e como todos sabem, grande exploradora de habitats de orquídeas, tendo sido descobridora de espécies então não conhecidas e ainda não descritas.

Grande cultivadora de espécies brasileiras, tinha o que se chama de “mãos verdes”, pois suas plantas apresentavam o vigor do bom cultivo, sobretudo do cultivo atento e cuidadoso, principalmente com alguns gêneros pouco explorados pelos orquidófilos, como *Maxillaria*, *Pleurothallis* e outros gêneros de pequeno porte. Supersticiosa, com sabem os que leram artigos seus publicados nesta revista, protegia suas plantas dos olhares de seca-pimenteira com patuás e amuletos...

Foi algumas vezes Diretora da OrquidaRIO e uma inestimável colaboradora de quase todas as gestões da sociedade. O seu entusiasmo e amor pela associação resultou em grande contribuição ao crescimento do quadro social, tornando-se ela uma referência para os sócios de localidades distantes, que sempre recorriam a ela para satisfazer suas necessidades de informação e resolver problemas. Foi peça fundamental na execução da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas atuando, em muitos casos, como Secretária-Geral e “embaixatriz” da organização, principalmente entre os integrantes do Mercossul, onde grangeou grandes amizades.

Requiescat in pacem, Helena.

"Prezado amigo,
Saudações de saúde e paz.

Há tempos atrás, eu o procurei e você me foi deveras prestativo, o que me foi de grande valia e ainda lhe agradeço. Volto novamente a procurá-lo e solicitar novas informações, isto se puder me ajudar.

No fator albinismo, é possível identificar uma planta albina de primeira mão, sem qualquer análise mais profunda? Ou ela se assemelha à variedade alba da mesma espécie.

Tenho algumas plantas que ganhei de um amigo que as cultivava sem muita preocupação. Ele me disse que são labiatas, porém, as plantas não possuem nenhuma identificação, tais como: etiquetas ou qualquer outra coisa. Quando as mesmas floriram, fiquei em dúvida, pois umas se parecem com labiatas e outras warneri, isto, pelo aspecto das flores.

A floração, entre uma planta e outra, se estendeu do mês de novembro até o mês de abril.

Existe algum meio de diferenciar uma labiata de uma warneri, com certeza, apenas pelo aspecto de suas flores? Visto que ele me garantiu que se trata de plantas nativas.

Cruzei uma *C. percivaliana* 'Farah Diba' com uma *C. warneri*, pedi a um amigo que fizesse a sementeira não vi o resultado, porém ele me afirmou que nesse cruzamento, a *C. percivaliana* é sempre infértil. O que você me fala sobre isto?

Desde já, agradeço qualquer pronunciamento que vier de sua parte.

Fico por aqui com um forte abraço amigo."

José Colzato
11.740-970, Itanhaém, SP

O albinismo nas plantas tem as mes-

mas características que no reino animal, inclusive entre nós humanos, falta de pigmentos de cor, é um distúrbio genético (devemos, aliás, a esse tipo de distúrbios algumas variantes florais interessantes: pelorias, trilabelismos, etc.). Não confundir com flor alba, que é uma característica de determinadas espécies; exemplos: certas Coelogynes, alguns Dendrobium, umas poucas Cattleya, apenas para exemplificar.

Sendo um distúrbio genético, nada permite supor que plantas albinas produzam descendência albina. É comum plantas albinas cruzadas com outras albinas produzirem descendência "Tipo", colorida.

Labiatas e Warneris - Na verdade as diferenças são poucas e há botânicos que sustentam que são a mesma espécie, com pequenas variações devidas aos habitats: Leia a propósito o artigo de Lou C. Menezes publicado em Orquidário (Duas Cattleyas Irmãs, Vol 7, nº 1, janeiro/março de 1993. pag. 9 ss). As diferenças mais eminentes são: a) a largura e posição das folhas, mais largas e mais deitadas, na C.warneri, isto, em muito explicável pelos locais de ocorrência; flores, maiores na C.warneri e com pétalas que comumente tendem a tombar para frente e para baixo.

Não tenho notícia desse tipo de infertilidade da Cattleya percivaliana 'Farah Diba' quando cruzada com C. warneri. Produtores profissionais consultados contestam essa possibilidade, mas é curioso que não exista registrado, na RHS, qualquer híbrido resultante de cruzamento dessas duas espécies.

Santa Cruz do Sul, 12 de maio de 1998.

"Ilmo. Sr. Raimundo Mesquita.

Pela realização da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, no Rio de Janeiro, em setembro de 1996, em nome dos orquidófilos gaúchos que participaram da mesma, queremos parabenizar pela beleza, bri-

lhantismo, organização e o nível dos trabalhos apresentados nas palestras.

Por outro lado, nós gaúchos, tivemos o dissabor de vermos a espécie de orquídea que representa o pampa, a **C. intermedia**, ser relegada a um segundo plano ou mesmo ser ignorada. Na primeira reunião plenária da Federação Gaúcha de Orquidófilos após a 15ª WOC foi unânime por parte das associações orquidófilas do Estado do Rio Grande do Sul a conclusão de que a indiferença, o descaso, a falta de critério; diga-se, a falta de conhecimento de nossa **C. intermedia**, e talvez a falta de vontade de quem julgou-a, de conhece-la.

Há quase meio século os gaúchos estão aprimorando a **Cattleya intermedia**, tendo um trabalho sério, digno, respeitável e reconhecido com seriedade por orquidófilos no mundo inteiro.

Lamentamos profundamente que integrantes da comissão de julgamento tenham feito comentários maculando a honestidade, a seriedade e o trabalho dos orquidófilos gaúchos em relação ao aprimoramento da espécie em questão.

Pela Federação Gaúcha de Orquidófilos,

Alceu Berger - Presidente"

Prezado amigo Alceu Berger,

Permita dizer-lhe que uma das mais importantes características das conferências mundiais sobre orquídeas é a liberdade concedida aos seus participantes para se externarem e para manifestarem seus pontos de vista, o que dá a elas um certo sentido anárquico...

Você diz na sua carta que ocorreram durante o julgamento manifestações de menosprezo com relação a atividade produtiva dos cultivadores gaúchos de Cattleya intermedia Graham. Esteja seguro que isto não teve o meu endosso, nem dos membros responsáveis pelo funcionamento

do Comitê Organizador que trabalharam intensamente para oferecer a todos os que participaram daquele espetáculo de beleza e organização por todos reconhecido.

Veja, nas listas de premiação, o registro de que houve atribuição de prêmios a cultivadores gaúchos de C. intermedia.

Peço-lhe, aliás, licença para transcrever um trecho da minha "Apresentação da Orquidofilia Brasileira", que abre as ATAS DA 15ª CONFERÊNCIA MUNDIAL DE ORQUÍDEAS (ed. Naturalia Publications Transfaire, Turriers, França, 1998, à página 29,ss):

"Isto tem permitido um importante trabalho de melhoria de padrões de qualidade florística em que foi pioneiro, no Rio Grande do Sul, Walter Haetinger, tendo hoje, como herdeiros diretos e continuadores produtores como Aldomar Sander e Sérgio Englert, para só citar alguns de escala industrial."

Como você vê, é esta a minha opinião, isto está escrito, isto é o que é oficial.

*Cordialmente, do seu amigo
Raimundo Mesquita*

"Quero felicitar pela série Novos Produtores que tem permitido conhecer pessoas tão importantes para a orquidofilia.

No volume 12, nº 1, o senhor mencionou alguns orquidários que eu ainda não conhecia e gostaria, neste momento, solicitar sua atenção para enviar-me endereços, se possível. São eles:

- Binot
- Orquidário dos Pinhos
- Sander
- Ricsel.

Espero ler muitas outras de sua autoria. Identifico-me com sua forma de linguagem tão dinâmica e aberta, dando-nos a impressão de estarmos dialogando, informalmente. Não deixe de fazê-lo.

Quando a revista Orquidário atrasa
ocorre-nos a sensação de falta, quase uma
saúde deste contato, dessa "conversa".

Cuiabá, 16.08.98
Adarilda P. Benelli
Caixa Postal 198-Centro
78.005-970, Cuiabá, MT

Prezada Adarilda,

Obrigado, muito obrigado pelas suas
generosas palavras, que justificam o esfor-
ço feito para fazer de Orquidário o traço de
união entre os orquidófilos desse Brasil tão
grande e desigual e, ao mesmo tempo, tão
uno como povo.

Aí estão os endereços que você solici-
ta:

1. Orquidário Binot
Rua Fernandes Vieira, 390 - Retiro
25.715-000, Petropolis, RJ
Tel.:(024)242-0833
2. Orquidário dos Pinhos
R. Graciano S.de Araujo, 156/165
06700-000, Cotia, SP
Tel./Fax (011)-493-2807
3. Orquidário Sander
A/C Aldomar Sander
C.P.183
95.520-000, Osório, Rs
Tel.: (051)663-2355
4. Ricsel Orquídeas
A/C Sérgio Englert
Rua Arlindo Pasqualini, 575
91.760-140 Porto Alegre, Rs
Tel/Fax (051)2481387

OrquidaRIO



Livros, Revistas e Publicações

Movimento Nacional pela permanência de Oscar V. Sachs Jr. à frente do Boletim da CAOB.

Delfina de Araújo, que é uma perma-
nente "papabile" (mas que sabe das coisas
e não aceita nunca os reiterados convites
para assumir a editoria de Orquidário...), me
dizia outro dia que ia iniciar um movimento
nacional pela permanência dos dois editores,
de Orquidário e do Boletim da CAOB.

Diante de uma tal ameaça, apressei
minha saída e este número já sai sob a
competente batuta de Carlos Ivan, acolitado
por duas boas figuras, que vinham se
mantendo na sombra, Carlos Eduardo
Martins Carvalho e Mário Karpinskas.

Explico, eu já estava demorando
demais na Editoria e, como todos sabem,
isso não é bom, pois tende à esclerose e eu
devo confessar que já vinha me sentindo
incapaz de renovar, melhorar, mudar, enfim,
para que a nossa publicação mantenha o
nível que já atingiu.

Esse, no entanto, não é o caso de nosso
Oscar. Não há muito tempo como Editor do
Boletim da CAOB, já deu mostras de sua
competência e de que ainda não esgotou o
seu ciclo, ainda tem muita coisa para nos
ensinar e dar. Deve, pois, continuar o seu
trabalho, pois, com a sacudidela que deu, a
publicação paulista já atingiu um nível
gráfico de muito boa qualidade (não me
entendam mal, falo só do aspeto gráfico,
porque a qualidade dos textos já era boa e
continuou no mesmo nível) e isto tem que
ser creditado ao bom gosto, à pertinácia e
ao rigor do nosso Oscar.

Por que então deixarmos que o mesmo
se afaste antes de ter concluído a tarefa de
renovação que vem empreendendo junto
com o Presidente da CAOB, Oswaldyr
Geraldo Ellero, que repôs a Coordenadoria

no lugar que lhe cabe na liderança da intensa atividade orquidófila no interior de São Paulo, a província orquidófila mais importante do país? Não, não vamos permitir, sobretudo nós da OrquidaRio, que devemos muito a esse amigo de Taubaté, pelo seu trabalho de divulgação e de fraternidade, o que fez com que desaparecessem certas desconfianças quanto que a que tivéssemos pretensões “imperialistas”.

Quero, publicamente, dizer que o Oscar V. Sachs Jr. é, para mim, um personagem fascinante e seu que paradoxal. Ao mesmo tempo é moderno, um espírito jovem que acolhe as boas inovações do nosso tempo, mas, ao mesmo tempo, é um cavalheiro à antiga. Querem um exemplo: ainda escreve aos amigos cartas batidas à máquina, nada de computador (nesse particular, tenho uma queixa, ele não me permite publicar suas deliciosas cartas, todas que terminam com um caprichado P. S. dizendo: “esta carta é pessoal, não pode ser publicada nem inteira, nem em partes”. Pena!

Eu poderia até, egoisticamente, dizer-me feliz com a abdicação do Oscar, eis que assim poderíamos contar, mais assiduamente, com sua participação em Orquidário e te-lo-íamos mais frequente aplicando o seu rigor de Ombudsman em benefício da nossa publicação. Mas, não, não vou ficar feliz com o afastamento desse bom amigo, que ainda tem tanto para dar, ele que esconde na sua bonomia as suas enormes qualidades e grande cultura, conhecimento da vida e das orquídeas (confessadamente purpurateiro, só faltando dizer-se, como Amândio Pinho Caetano, corintiano juramentado...).

Assim, eu sugiro aos que me dão a honra de lerem o que venho escrevendo, que escrevam ao Oscar, para a Caixa Postal 119, CEP 12010-970, Taubaté, SP, para a CAO, rua Machado de Assis 11-48, 17.040-042, Baurú, SP, Tel./Fax.: (014)223-8546,

mandem-lhe e-mail: sachs@aquarius.com.br, pedindo, exigindo a sua permanência, já que este é um direito dos seus admiradores.

Raimundo Mesquita

Selos de Orquídeas

O associado Hélio Tessmer, de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul está interessado em iniciar uma coleção de selos com motivos de orquídeas. Quer, por isto, trocar correspondência a respeito com colecionadores desses selos.

Endereço:

Hélio Tessmer
Caixa Postal 2055
93511-970, Novo Hamburgo,
RS

E-mail: htess@nh.conex.com.br

“O mundo adora *C. trianaei*”

Na sua entrevista (ver na página 81) Amândio Pinho Caetano afirma repetidamente que o mundo adora trianaei. Isso, do ponto de vista comercial, deve ser verdadeiro, mas, do ângulo dos híbridos a grande paixão é *Cattleya mossiae*, como mostra o quadro abaixo, que, a título de curiosidade trazemos aos leitores.

Descendência de algumas espécies de *Cattleya*

<i>Cattleya labiata autumnallis</i>	10.870
<i>Cattleya loddigesii</i>	3.378
<i>Cattleya mossiae</i>	16.293
<i>Cattleya trianaei</i>	12.355
<i>Cattleya warneri</i>	8.750



Rua Graciano Soares de Araujo 156/165 -
Jardim São Luiz Mirim 06.700-000, Cotia,
São Paulo. Tel/Fax (011) 493-2815, Tel.
Residencial (011) 493-2815.

Seleção especial para nossos Clientes

Laelia purpurata

	Tamanho	Preço
Tipo, Sputnik x Gracicata	40 cm	R\$10,00
Argolão striata x Gracicata	30 cm	R\$10,00
Tipo, Sputnik x Argolão striata	20 cm	R\$10,00
Sanguínea Montenegro x Venosa	a florescer	R\$25,00
Striata Dora x Tipo, Clementina	30 cm	R\$10,00
Argolão, Roxo Bispo x São Jorge	15 cm	R\$10,00
Mandayana, auto-fecundação	20 cm	R\$10,00
Campeira x Rubra	a florescer	R\$10,00
Cárnea x Cárnea	a florescer	R\$15,00

Cattleya labiata

Concolor Dreher x Concolor Linda	20 cm	R\$15,00
Tipo, Orlando x Tipo, Venosa Marina	a florescer	R\$15,00
Amethystina x Coerulea Junior	15 cm	R\$15,00
Coerulea Junior x Canoinha	15 cm	R\$15,00
Alba x Alba Angerer	20 cm	R\$15,00
Alba Waras x Alba Ernesto	40 cm	R\$15,00
Vera Cristina x Rubra 'Guerreiro'	a florescer	R\$20,00
Coerulea Walter Dreher, auto-fecundação	15 cm	R\$15,00
(Marina x Odete) x Alba 'Fumeiro'	40	R\$15,00
(Marina x Odete), auto-fecundação	20 cm	R\$15,00

Cattleya trianaei

Coerulea x Pomeiral	a florescer	R\$20,00
Sladen x Jean Globen	a florescer	R\$25,00

Cattleya mossiae

Semi-Alba Aurora x Tipo, Blanca	20 cm	R\$20,00
Semi-Alba Los Charros, auto-fecundação	20 cm	R\$20,00

Cattleya gaskelliana

Blue Dragon, auto-fecundação	a florescer	R\$25,00
Alba Graf x Coerulea Francisco	40 cm	R\$30,00

Cattleya mendelii

Especial	20 cm	R\$20,00
----------	-------	----------

Cattleya luedemmaniana

Tipo, auto-fecundação	15 cm	R\$15,00
Marisa, auto-fecundação	20 cm	R\$20,00

<i>Cattleya bicolor</i> Albina	10 cm	R\$25,00
--------------------------------	-------	----------

<i>Cattleya schilleriana</i> Tipo	10 cm	R\$15,00
-----------------------------------	-------	----------

Consulte sobre outras listas, especialmente
Odontoglossum, *Paphiopedilum* e *Phalaenopsis*. Seedlings e adultos.
Pedidos e pagamentos em nome de Amândio Pinho Cactano



BOM, BONITO E OUTLET.

O Nova América não é um shopping barato. Até porque, de barato já basta o conserto que fizeram no seu carro, o vinho que serviram naquela festinha do escritório e o perfume da sua vizinha fofqueira. Não, o Nova América não é barato. O Nova América é outlet. A diferença? Qualidade. Aqui, pagar pouco não é desculpa para não vender as melhores marcas e produtos do Brasil. Isto não é promessa. É contrato. Quem abre uma loja no Nova América assina um documento, comprometendo-se a vender seus produtos por preços abaixo do mercado. Quem faria um negócio destes? Levi's, Sandpiper Off, Hiper Casa & Vídeo, Vila Romana, Renner & Vicunha, Cia das Marcas by Maria Bonita, No Tag Folic e Mark Store Chocolate Loft. Enfim, estas e as melhores marcas do Brasil, por um preço muito, digamos, outlet.

L I N H A A M A R E L A S A Í D A 5 - M E T R Ô D E L C A S T I L H O